

UM ESPECTRO RONDA... A ATUALIDADE INTEMPESTIVA DE STEFAN ZWEIG

A SPECTER HAUNTS... THE INTEMPESTIVE TOPICALITY OF STEFAN ZWEIG

Geovane Souza Melo Junior*

Resumo: Este artigo aborda a atualidade e a relevância da vida e obra do escritor judeu de língua alemã, Stefan Zweig, em meio às crises do século XX. Destacando, assim, a interseção da trajetória de Zweig com os eventos históricos cruciais desse período, tais como as duas grandes guerras mundiais, e sua consequente mudança literária em direção ao pacifismo após a Primeira Guerra. Para tanto, no que se refere à armadura teórica, o trabalho ora em tela explora a relação entre os conceitos de atualidade e intempestividade, defendendo a noção de que ser contemporâneo é, essencialmente, estar em discordância com seu tempo, conforme discutido por filósofos como Nietzsche (1999), Benjamin (2013a e 2013b), Deleuze (2018a, 2018b e 2020) e Agamben (2004, 2005, 2008, 2009, 2010 e 2016). Desse modo, a análise inclui reflexões sobre a responsabilidade ético-política da memória e a necessidade de resistência diante de um passado que não cessa de se (re)inscrever, a partir do legado atemporal de Zweig como uma fonte humanista de inspiração para enfrentar os desafios não apenas do presente, mas de um porvir. Por fim, o texto conclui que a obra de Zweig transcende os limites espaço-temporais, oferecendo *insights* valiosos sobre a condição humana e instando os leitores a uma abordagem crítica e ativa em relação ao mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Atualidade. Guerra. Intempestivo. Literatura. Stefan Zweig.

Abstract: This article addresses the relevance and contemporaneity of the life and work of the German-speaking Jewish writer, Stefan Zweig, amidst the crises of the 20th century. Highlighting the intersection of Zweig's trajectory with crucial historical events of that period, such as the two world wars, and his subsequent literary shift towards pacifism after World War I. Regarding theoretical framework, the paper explores the relationship between the concepts of contemporaneity and untimeliness, arguing that to be contemporary is essentially to be in disagreement with one's time, as discussed by philosophers such as Nietzsche (1999), Benjamin (2013a and 2013b), Deleuze (2018a, 2018b and 2020), and Agamben (2004, 2005, 2008, 2009, 2010, and 2016). Thus, the analysis includes reflections on the ethical-political responsibility of memory and the need for resistance in the face of a past that continues to (re)assert itself, drawing from Zweig's timeless legacy as a humanistic source of inspiration to

* Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Brasil. Doutor em Letras-Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia e atualmente atua como Técnico Administrativo em Educação na mesma instituição. É membro do Grupo de Pesquisa Laboratório dos Estudos Judaicos (LEJ/UFU) e do Grupo de Estudos Stefan Zweig (GESZ).
Email: <geovane.melo89@icloud.com>.

confront not only present challenges but also those of the future. Ultimately, the text concludes that Zweig's work transcends spatiotemporal boundaries, offering valuable insights into the human condition and urging readers to take a critical and active approach to the contemporary world.

Keywords: Topicality. War. Untimeliness. Literature. Stefan Zweig.

O político passa, também, pelo desejo
(CORRÊA, 2009, p. 365).

Venho pesquisando sobre o escritor judeu, de língua alemã, Stefan Zweig há uma década e, ainda que meus olhares estivessem direcionados, especialmente, para a sua amizade epistolar com Sigmund Freud, durante o mestrado, e os seus retratos no cinema do brasileiro Sylvio Back, ao longo do doutorado, nunca perdi de vista a atualidade de sua vida e obra. Afinal, conforme é descrito em sua autobiografia, intitulada *O mundo de ontem: memórias de um europeu* (2014), aliás, finalizada em solo brasileiro¹, a sua existência, ao coincidir com o colapso do Império Austro-Húngaro, as duas grandes guerras mundiais e a ascensão do nazismo na Europa, confunde-se, inevitavelmente com a própria trágica história do século XX:

Nunca atribuí tanta importância a mim mesmo a ponto de ficar tentado a contar a outros as histórias da minha vida. Foi preciso acontecer muita coisa, infinitamente mais do que costuma ocorrer numa única geração em termos de eventos, catástrofes, e provações, para que eu encontrasse a coragem para começar um livro cujo protagonista – ou melhor, centro – sou eu mesmo².

A propósito, conforme afirma Leonardo Francisco Soares, em *Na literatura, as guerras* (2021), a temática da guerra, em suas mais diversas nuances, prova-se, cotidianamente, uma inexaurível fonte de saber literário, histórico, dentro outros, sempre atualizando-se polimorficamente e, dessa maneira, fazendo-se presente nos discursos contemporâneos atravessados pelas esferas estética, ética e política³.

Ora, paradoxalmente, como de praxe no multifacetado domínio humano, se por um lado o vigésimo século trouxe consigo os dantescos avanços tecnológicos, a ponto, inclusive, de o

¹ Ainda que ao somarmos as visitas e o tempo de residência de Zweig no Brasil obtemos apenas cerca de um ano de sua vida, é digno de nota que foi aqui e nesse exíguo espaço-temporal que ele revisou a sua *Autobiografia*, escreveu a novela *Uma partida de Xadrez*, bem como, de maneira inédita em sua carreira literária, tomou esta nação como personagem principal de um livro seu, *Brasil um país do futuro*, forjando esse epíteto que insiste em nos assombrar mesmo após oitenta anos de seu enigmático suicídio, em conjunto com sua segunda esposa, Charlotte Altmann.

² ZWEIG, 2014, p. 13.

³ SOARES, 2021.

pai da psicanálise se referir ao homem moderno, em *O mal-estar na civilização* (2010), como um deus protético⁴. Ou, nas palavras do próprio Zweig, “nunca, até a presente hora, a humanidade como um todo se comportou de maneira mais diabólica, e nunca produziu de forma tão divina⁵. De outro, deu vazão ao confronto diário com o real da vida nua do cidadão, isto é, aquele sujeito capturado pela tanatopolítica que se vê passível de ser executado sem engendrar um crime, tampouco sendo digno de qualquer sacrifício⁶. Uma verdadeira fábrica de campos de concentração e, conseqüentemente, de muçulmanos, como nos alerta Primo Levi (1990). Lembremos que as cesuras biopolíticas são, em suma, que se movem:

[...] e isolam, de cada vez, no *continuum* da vida, uma zona ulterior, que corresponde a um processo de *Entwürdigung* [aviltamento] e de degradação cada vez mais acentuado. Dessa forma, o não-ariano transmuta-se em judeu, o judeu em deportado (*umgesiedelt, ausgesiedelt*), o deportado em internado (*Häftling*), até que, no campo, as cesuras biopolíticas alcancem o seu limite último. O limite é o muçulmano⁷.

Cada vez mais cômico desse cenário catastrófico, Zweig, sobretudo a partir da Primeira Guerra Mundial, altera substancialmente seu trajeto literário, posto que, se até então o foco de sua obra estava, grosso modo, na tradução de autores de língua francesa e inglesa para o alemão, cumprindo uma espécie de mediação das letras na Europa central⁸, a partir desse conflito seus textos transmitirão seu compromisso interno com o pacifismo. Segundo suas próprias palavras: “paulatinamente começou a se formar em mim o projeto de uma obra em que eu pudesse manifestar não só coisas isoladas, mas toda a minha atitude em relação à época, ao povo, à catástrofe e à guerra”⁹. Nesse sentido, Alberto Dines, perspicazmente, em sua biografia do austríaco, intitulada de *Morte no paraíso: a tragédia de Stefan Zweig* (2014), menciona que doravante a relação de Zweig com seus personagens pode ser entendida mediante a metáfora do ventriloquismo¹⁰.

⁴ FREUD, 2010.

⁵ ZWEIG, 2014, p. 16.

⁶ AGAMBEN, 2010.

⁷ AGAMBEN, 2004, p. 90.

⁸ “[...] seguindo o conselho de Dehmel, a quem sou grato até hoje, aproveitei o tempo para traduzir de línguas estrangeiras, o que considero ainda hoje a melhor possibilidade para um jovem poeta de compreender da maneira mais profunda e criativa o espírito da própria língua. Traduzi os poemas de Baudelaire, alguns de Verlaine, Keats, William Morris, um pequeno drama de Charles van Lerberghe, um romance de Camille Lemonnier, pour me faire la main – para exercitar a mão” (ZWEIG, 2014, p. 117).

⁹ ZWEIG, 2014, p. 223.

¹⁰ DINES, 2012.

Não por acaso, em pleno 1917, o escritor judeu estreou o drama pacifista *Jeremias* e intuiu que, não raro, o que nomeamos vitória só é possível graças a sacrifícios, empilhamentos de corpos, ao passo que a derrota, geralmente, implica em uma grandeza moral. Revelando o mote central de grande parte de suas novelas, qual seja:

[...] é sempre o vencido pelo destino que me atrai; nas biografias, a figura de quem tem razão não no espaço do sucesso, mas unicamente no sentido moral – Erasmo, e não Lutero; Maria Stuart, e não Elisabeth; Castello, e não Calvino. Da mesma forma, não fiz de Aquiles a figura heroica, e sim do mais insignificante de seus adversários, Tersites – a pessoa que sofre em vez daquele que, por sua força e habilidade, causa sofrimento nos outros¹¹.

Afinal, torna-se claro que:

Foi sempre a mesma, a eterna corja que, através dos tempos, chamou os precavidos de covardes e os humanitários de fracos, para depois ficarem desorientados na hora da catástrofe que eles próprios levemente conjuraram. Foi sempre a mesma corja, a mesma que ridicularizou Cassandra em Troia, Jeremias em Jerusalém, e nunca antes eu tinha compreendido tanto a tragédia e a grandeza dessas figuras quanto naqueles momentos tão semelhantes a esses¹².

Em face desses tempos de homens sombrios, para além do início de suas crises de ansiedade e melancolia, seu fígado negro, como costumava dizer aos mais próximos, Stefan Zweig, reitero, tem um objetivo claro em mente,

Só naquele momento senti o verdadeiro impulso: era preciso combater a guerra! O material estava pronto em mim, para começar só tinha faltado essa última confirmação explícita do meu pensamento. Eu identificara o adversário que deveria combater – o falso heroísmo, que prefere enviar os outros para o sofrimento e a morte, o otimismo barato dos profetas sem consciência, tanto os políticos quanto os militares, que, prometendo a vitória sem escrúpulos, prologam o morticínio e, atrás deles, sua claque, todos os ‘propagadores da guerra, como acusou Werfel em seu belo poema¹³.

Acresce-se a isso seu desejo em torno da defesa do que ele nomeou como: “a união espiritual da Europa”¹⁴. Portanto, é devido justamente a esse posicionamento humanista inarredável, cumpre dizer, em um período no qual vários intelectuais haviam se transformado

¹¹ ZWEIG, 2014, p. 159.

¹² ZWEIG, 2014, p. 228.

¹³ ZWEIG, 2014, p. 227.

¹⁴ ZWEIG, 2014.

em bardos de guerra, que advogamos, aqui, pela nossa tese da contemporaneidade extemporânea desse escritor, pois enquanto alguns utilizavam as letras com finalidades patrióticas e bélicas, Zweig já nos obsedava com suas angústias que insistem em não caducarem, vide:

Por estarem enredados em segurança e em suas posses e no conforto, quão pouco souberam que a vida pode ser excesso e tensão, um contínuo surpreender-se e estar fora de qualquer parâmetro; quão pouco, em seu liberalismo e otimismo comoventes, imaginaram que cada dia seguinte que amanhece diante da janela pode destroçar as nossas vidas¹⁵.

Aliás, talvez essa seja uma das principais tarefas do artista, qual seja, a de introduzir dissimetrias, instabilidades, a fim de fomentar aberturas, onde anteriormente reinava o equilíbrio acrítico¹⁶. Não nos surpreende que o curador da exposição *Precisamos de uma coragem bem diferente! – Stefan Zweig – despedida da Europa*¹⁷, Klemens Renoldner, em entrevista, salienta a necessidade de percebermos que a literatura, a despeito de seu atrelamento temporal imanente, *prima facie*, alastra-se alhures, sempre tendo algo a dizer sobre nós e clamando por retornos¹⁸. Em outros termos, malgrado o literário constitua-se como esse eterno regresso aos mortos, trata-se, em verdade, sempre de uma projeção, um endereçamento ao porvir¹⁹. Lembremos a intrincada relação entre a linguagem e o futuro aventada por Maurice Blanchot, em *Uma voz vinda de outro lugar* (2011): “toda palavra iniciante, ainda que seja o movimento mais suave e mais secreto, é, porque nos empurra infinitamente para adiante”²⁰.

Com isso em mente, retomemos, então, que a contemporaneidade, na leitura de Giorgio Agamben, o responsável pela edição italiana da obra de Walter Benjamin²¹, em seu ensaio *O que é o contemporâneo* (2007), não deve ser entendida pela chave do pertencimento à sua

¹⁵ ZWEIG, 2014, p. 41.

¹⁶ DELEUZE, 2020.

¹⁷ A exposição *Precisamos de uma coragem bem diferente! Stefan Zweig – despedida da Europa* foi inaugurada no Museu do Teatro, em Viena, em 2014.

¹⁸ BOHUNOVSKY, 2015.

¹⁹ MELO JUNIOR, 2022.

²⁰ BLANCHOT, 2011, p. 64.

²¹ Podemos visualizar a influência de Walter Benjamin no pensamento de Giorgio Agamben, na medida em que algumas de suas obras parecem ser, precisamente, respostas a provocações, pegadas do primeiro. Vejamos um exemplo: “Talvez valesse a pena investigar as origens do dogma do caráter sagrado da vida. Talvez esse dogma seja recente, é mesmo muito provável que assim seja [...]. Por fim, dá que pensar o fato de aquilo que aí se proclama como sagrado ser, de acordo com o antigo pensamento mítico, o suporte estigmatizado da culpa: a vida nua” (BENJAMIN, 2013b, p. 81). Portanto, configurando-se, justamente, como o rastro que Agamben irá seguir em *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*.

época, diversamente, diz respeito ao estranhamento para com o tempo, de modo que se engendre o escrutínio, não a pura e simples identificação.

O contemporâneo, nesse caso, nada tem a ver com periodização histórica. Trata-se de uma relação disjuntiva com o tempo, independente de este ser presente, passado ou futuro. Essa relação é, obrigatoriamente, de quebra, nunca de continuidade: há um fluxo que nos atravessa, carregando-nos junto dele; no meio do caminho há uma falha, um acontecimento, que impede a nossa tranquila jornada [...]²².

Com efeito, a atualidade encontra-se, precisamente, na odisséia da reflexão humana no interior dessa fratura, como no caso de Zweig, ao trazer à tona em sua vida e obra, muito graças ao seu entusiasmo pela psicanálise²³, reflexões sobre temas universais e atemporais da condição humana, tais como: identidade, exílio, memória, angústia, paixão etc. Não causando surpresa a reação de Freud a alguns de seus textos:

19 de outubro de 1920
Viena IX, Berggasse 19
Prezado doutor,
[...] Interessou-me principalmente a forma gradativa com que as palavras vão se acumulando em suas frases para se aproximar, às apalpadelas, da essência mais íntima daquilo que descrevem. É como o acúmulo de símbolos no sonho, que deixa transparecer com cada vez mais nitidez o que está encoberto. [...].
Freud²⁴

14 de abril de 1925
Viena IX, Berggasse 19
Estimado doutor,
[...] Preciso lhe dizer que o senhor lida com o idioma como, creio, mais ninguém. Sabe como amoldar a expressão ao objeto de maneira que seus detalhes mais sutis se tornem palpáveis e que o leitor creia compreender relações e qualidades até então nunca expressas em palavras. Eu já tinha me atormentado durante muito tempo para encontrar uma comparação para o seu modo de trabalhar. Ontem, finalmente, tive uma luz, propiciada pela visita de um amigo epigrafista e arqueólogo. Como se sabe, coloca-se um papel úmido sobre a pedra, obrigando a matéria macia a se amoldar às menores reentrâncias da superfície da escrita. Não sei se essa comparação lhe bastará. A minha admiração é tanto maior porque não existe uma representação exata para

²² YAMAMOTO, 2013, p. 61.

²³ São palavras de Dines a respeito da relação amistosa entre Zweig e Freud: “Único judeu do grupo de mentores, Freud foi também o único com quem Zweig jamais rompeu. Afastou-se de Verhaeren no meio da Grande Guerra, quando o poeta capitulou aos rancores chauvinistas, e separou-se de Rolland na véspera do morticínio seguinte, ao perceber que seu contagiante humanismo agora servia mais ao stalinismo; porém manteve-se apegado a Freud até o fim. À sua maneira – apressado, impaciente, desastrado, enrolado –, porém fiel. Não explicitou quando, onde e de que maneira se encontraram pela primeira vez, como se a convergência fosse inevitável. Filhos do mesmo radioso apocalipse vienense que de um fez o pesquisador rigoroso, obsessivo, e do outro, o Dichter, poeta aberto, oferecido” (DINES, 2017, p. 289).

²⁴ ZWEIG, 2017, p. 301

aquilo que o senhor descreve, e essa lacuna precisa ser superada através do emprego das comparações mais diversas derivadas de outros campos da percepção. [...].
Freud²⁵

Segundo Benjamin, na tese de número XV, que inicia diferenciando os dispositivos do calendário e dos relógios com relação à contagem do tempo histórico, os insurgentes atiraram nos relógios em julho de 1830, visto que intuíram que as classes dominantes assim se configuram não apenas em razão de sua pujança econômica, mas também, e visceralmente, devido ao seu longo e contínuo processo de triunfo discursivo histórico²⁶:

Na Revolução de julho aconteceu ainda um incidente em que essa consciência ganhou expressão. Chegada a noite do primeiro dia de luta, acontece que, em vários locais de Paris, várias pessoas, independentemente uma das outras e ao mesmo tempo, começaram a disparar contra os relógios das torres. Uma testemunha ocular, que talvez deva o seu poder divinatório à força da rima, escreveu nessa altura: [...]. Incrível! Irritados com a hora, dir-se-ia, os novos Josués, aos pés de cada torre, alvejam os relógios, para suspender o dia²⁷.

Nessa esteira, Agamben assevera que todo evento sob o signo da revolução, para além de buscar transformações econômicas, históricas, *a fortiori*, deve fomentar novas interações mais autênticas para com o tempo²⁸, porque “a contradição fundamental do homem contemporâneo é precisamente a de não haver ainda uma experiência do tempo adequada à sua ideia da história”²⁹.

Cabe ressaltar que Nietzsche, em suas *Considerações Extemporâneas* (1873), décadas antes já defendia que a reflexão sobre o seu tempo ocorria, na exata medida em que ele se distanciava de tudo aquilo que sua época glorificava. Dito de outra forma, para o criador da filosofia do martelo, ser contemporâneo é, em grande medida, estar contra o seu tempo, uma *re-existência*. Nessa esteira, Deleuze, no texto *Diferença e repetição* (1968), retoma esse potente conceito de intempestivo ao afirmar que:

²⁵ ZWEIG, 2017, p. 307-308.

²⁶ LÖWY, 2005.

²⁷ BENJAMIN, 2013a, p. 18-19.

²⁸ Com o objetivo de clarificar mais essa concepção de história que compartilhamos, evocamos o texto *Nota sobre o “Bloco Mágico”*, de Sigmund Freud. Nesse artigo, ao comparar a estrutura do aparelho psíquico perceptual com esse brinquedo, que é capaz de receber e apagar traços, o psicanalista afirma que o traço duradouro do que foi escrito permanece no bloco e, inclusive, pode ser lido posteriormente com uma iluminação adequada, isto é, os fragmentos do passado, em convergência com o presente, sempre podem ser lidos, isso desde que com a devida técnica e perspicácia (FREUD, 2011).

²⁹ AGAMBEN, 2005, p. 121.

A partir de Nietzsche, descobrimos o intempestivo como sendo mais profundo que o tempo e a eternidade: a filosofia não é filosofia da história nem filosofia do eterno, mas intempestiva, sempre e somente intempestiva, isto é, ‘contra este tempo, a favor, espero, de um tempo por vir’³⁰.

Curiosamente, ao que parece, tal noção de tempo não era de toda estranha a Zweig, como podemos inferir no excerto a seguir: é uma lei inelutável da história a de que ela interdita justamente aos contemporâneos identificar logo os grandes movimentos que determinam sua época”³¹. Assim sendo, entendemos Zweig mediante a lente dos operadores teóricos da atualidade, contemporaneidade intempestiva, uma vez que pesquisar sobre esse escritor, independentemente do fator temporal, conforme vimos até aqui, produz não um mero debruçamento sobre um passado amorfo e inócuo, mas sim, efetivamente, faíscas de reflexões sobre a nossa própria época e suas linhas de fuga, ou seja, revelando paralelos entre os desafios enfrentados por ele e aqueles que enfrentamos ainda hoje, basta ver a ascensão da extrema direita e, por conseguinte, a ameaça ao multiculturalismo, o ressurgimento do autoritarismo, os conflitos políticos e sociais etc. Sua preocupação, então, com a preservação de uma cultura supracional, em uma espécie de *cura pelo espírito*, independente do mundano universo político, e o papel motriz da literatura nesse contexto, ressoa potentemente em nosso mundo cada vez mais fragmentado e polarizado.

Nas palavras de Benjamin, em *Sobre o Conceito da história* (2013a), “é irrecuperável toda a imagem do passado que ameaça desaparecer com todo o presente que não se reconheceu como presente intencionado nela”³². Escovação a contrapelo da história que Agamben retoma e identifica a possível influência no próprio Walter Benjamin na *Carta aos Romanos de Paulo* (2016), pois essa missiva já aventava acerca de uma concepção de tempo-de-agora [*jetztzeit*], em grego, *Ho nyn Kairós*, isto é, “onde o passado (o acabado) reencontra atualidade e se torna inacabado e o presente (o inacabado) adquire uma espécie de completude”³³. A cultura helênica se referia ao tempo por meio de dois termos: *Chrónos* e *Kairós*. Enquanto o primeiro indicava uma passagem do tempo contínua, objetiva e inexorável, o segundo dizia respeito a um tempo subjetivo, efêmero e pleno de oportunidades. Em outros termos, o tempo kairológico dos gregos seria o tempo messiânico aludido por Benjamin como aquele momento no qual o perspicaz

³⁰ DELEUZE, 2020, p. 15.

³¹ ZWEIG, 2014, p. 318.

³² BENJAMIN, 2013a, p. 11.

³³ AGAMBEN, 2016, p. 92.

historiador reconhece estilhaços do passado no presente e atualiza-o mediante a interrupção da locomotiva da história vazia e homogênea:

Estamos habituados a nos ouvir repetindo que no momento da salvação é para o futuro e para o eterno que precisamos olhar. Recapitulação, *anakephalaiosis*, significa para Paulo, ao contrário, que no *nyn kairós*, é uma contração de passado e presente, que, na instância decisiva, é antes de tudo com o passado que devemos acertar as contas. Isso não significa, obviamente, apego ou nostalgia: ao contrário, a recapitulação do passado é também um julgamento sumário pronunciado sobre ele³⁴.

Logo, as condições que tornaram possíveis a ascensão do fascismo não foram abolidas em 1945, ao contrário, esse rio continua caudaloso, bem como, cada vez mais, menos subterrâneo em nossas democracias modernas. Haja vista os recentes acontecimentos nacionais e internacionais que nos escancaram uma cena política, gradativamente, transmutando-se em de polícia.

Graças a uma série de investigações cada vez mais amplas e rigorosas [...], o problema das circunstâncias históricas (materiais, técnicas, burocráticas, jurídicas...) nas quais ocorreu o extermínio dos judeus foi suficientemente esclarecido. Investigações futuras poderão lançar novas luzes sobre cada um dos seus aspectos, mas o quadro geral já se pode considerar estabelecido. Bem diferente é a situação relativa ao significado ético e político do extermínio, ou mesmo à simples compreensão humana do que aconteceu, a saber, em última análise, à sua atualidade³⁵.

Ora, conforme nos adverte Derrida, “o traumatismo é produzido pelo futuro, pelo porvir, pela ameaça do pior que está por vir, mais do que por uma agressão que ‘acabou e já se foi³⁶’”. E é justamente por essa ameaça que insiste em se fazer presente em nosso cotidiano ainda nos dias atuais, a despeito da passagem do tempo, que o espectro de Stefan Zweig nos ronda com a intempestividade de sua vida e obra. Ainda segundo Derrida, no texto *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional* (1993) o conceito de espectro diz respeito ao morto mal enterrado, ou seja, àquele passado que não passa e que, portanto, retorna para nos interpelar, vide a cena fantasmagórica do pai de Hamlet. Em seus próprios termos, “um espectro é sempre um retornante. Não se tem meios de controlar suas idas e vindas porque ele começa por retornar. Após ter expirado, ele retorna³⁷”. Consequentemente, trabalhar com

³⁴ AGAMBEN, 2016, p. 95.

³⁵ AGAMBEN, 2008, p. 19.

³⁶ DERRIDA, 2004, p. 107.

³⁷ DERRIDA, 1994, p. 27.

esse conceito implica, necessariamente, em uma responsabilidade político-ética para com a memória, a herança, ultrapassando a lógica binária, visto que a hauntologia³⁸:

Acena para um pensamento do acontecimento que excede, necessariamente, uma lógica binária ou dialética, a que distingue ou opõe efetividade (presença, atual, empírica, viva – ou não) e idealidade (não presença reguladora ou absoluta). Essa lógica da efetividade parece de uma pertinência limitada³⁹.

Não por acaso, nas últimas décadas, temos visto uma significativa retomada desse intelectual que já foi um dos autores mais traduzidos em sua época, basta ver, a título de exemplo, a biografia de Alberto Dines já mencionada, as recentes traduções de suas obras pela editora Zahar, com organização e textos adicionais de Alberto Dines e tradução de Kristina Michahelles, a partir de 2013⁴⁰, as seguintes produções fílmicas: *Lost Zweig: os últimos dias de Stefan Zweig no Brasil* (2003); *A coleção invisível* (2012); *O Grande Hotel Budapeste* (2014) e *Stefan Zweig: Adeus, Europa* (2016), dirigidas, respectivamente por Sylvio Back, Bernard Attal, Wes Anderson e Maria Schrader. Além do mais, soma-se a esse cenário a própria fundação, em 2006, do Museu Casa Stefan Zweig⁴¹ na cidade de Petrópolis-RJ.

Não há como negar que, em um mundo que insiste em retilhar o caminho do ódio, da guerra, em uma espécie de *deja vu* aterrorizante, não há paz possível para o espectro de Zweig, pois suas ações e letra excedem, em muito, binarismos como presença/ausência e passado/presente e, conseqüentemente, jogam luz para que possamos problematizar, “em qual tempo, efetivamente, se constrói o futuro ou se combate o presente”⁴². Com efeito, são intelectuais humanistas como esse, isto é, *toujours hors du temps*, no sentido da atemporalidade de sua vida e obra, que nos guiam como verdadeiros faróis em meio à escuridão. Aliás, ao que

³⁸ Neologismo criado a partir dos termos *haunt* e *ontology*, ou seja, seria uma espécie de fantasmagologia ou espectrologia.

³⁹ DERRIDA, 1994, p. 90.

⁴⁰ Até o presente momento já foram republicados: *Maria Antonieta: retrato de uma mulher comum* (2013); *O mundo insone e outros ensaios* (2013); *Três novelas Femininas: Medo, Carta de uma desconhecida e 24 horas na vida de uma mulher* (2014); *Autobiografia: o mundo de ontem* (2014); *Joseph Fouché: retrato de um homem político* (2015); *Novelas insólitas: Segredo ardente, Confusão de sentimentos, A coleção invisível, Júpiter, Foi ele? e Xadrez, uma novela* (2015); *A cura pelo espírito: em perfis de Franz Mesmer, Mary Baker Eddy e Sigmund Freud* (2017).

⁴¹ Museu inaugurado, em meados de 2006, na mesma residência petropolitana na qual o casal Zweig viveu e suicidou-se. Além do acervo constituído de materiais audiovisuais e pertences pessoais do escritor, como livros e seu tabuleiro de xadrez, há, ali, também, o Memorial do Exílio, isto é, coleção que tem como finalidade lembrar e homenagear tantos outros exilados e emigrados que contribuíram com as artes e/ou ciência brasileira. Segundo Alberto Dines, “Naquele cantinho de Petrópolis escolhido pelo próprio Zweig, na rua que leva o nome do autor da ‘Canção do exílio’, um museu-monumento destinado a lembrar como os expatriados inventam paraísos” (DINES, 2012, p. 651).

⁴² CORRÊA, 2009, p. 363.

parece, consonante com essa ideia, o próprio escritor, em seu ensaio *Montaigne e a liberdade espiritual* (2013), afirma:

Não há ninguém a quem possamos agradecer tanto quanto àqueles que, em um tempo desumano como o nosso, reforçam dentro de nós a dimensão humana, que nos advertem a não entregar o único e imperdível que possuímos, o nosso eu mais profundo. Pois só quem se mantém livre contra tudo e todos multiplica e preserva a paz na Terra⁴³.

Pelo exposto aqui, resta evidente que a vida e obra de Zweig não se circunscrevem a um tempo passado único e localizável, na medida em que insistem em nos chamar a atenção, instando-nos para o fato de que “os fantasmas nos ameaçam mais na medida que não provêm do passado”⁴⁴. Revisitar a vida e obra de Zweig, com efeito, fomenta, para além de uma consciência estética crítica, a busca pela paz em um mundo em constante crise. Talvez, a vista disso, urja que (re)inventemos não apenas novos agenciamentos históricos e literários, mas inclusive “[...] uma nova lógica, assim como, ainda há pouco, uma nova psicologia.”⁴⁵ Segundo João Pereira Coutinho:

A melhor coisa do meu ano de 2021 foi ter regressado aos livros de Stefan Zweig. [...]. São soberbos e, mais que isso, intemporais. Falam diretamente para o nosso tempo, em parte por terem sido escritos quando Zweig contemplava a derrocada da Europa e o seu próprio naufrágio pessoal, que terminou como terminou em Petrópolis. Hoje, com novas ansiedades a tomarem conta dos contemporâneos – a pandemia interminável; a sombra de uma guerra na Ucrânia e de outra em Taiwan; o fanatismo ideológico que destroça as democracias ocidentais etc. – os ensaios são objetos de reflexão e consolação. Alguém passou por tudo isso primeiro.

De modo que, conforme salientam Deleuze e Guattari, em *O que é a filosofia* (1996), ou nos posicionamos de maneira contemporânea, intempestiva para com a nossa própria época, a esteira de Zweig e tantos outros humanistas, ou, ousar dizer que não cessaremos de constituir com ela compromissos deveras vergonhosos, dado que, em última instância, “não somos responsáveis pelas vítimas, mas diante das vítimas”⁴⁶. Recordemos o emblemático judeu grego Mordo Nahum, narrado no livro *A trégua* (1997), de Primo Levi, que o adverte, em mais de

⁴³ ZWEIG, 2013, p. 25.

⁴⁴ DELEUZE, 2018a, p. 159.

⁴⁵ DELEUZE, 2018b, p. 397.

⁴⁶ DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 140.

uma ocasião, a ser cauteloso em suas ações, pois, a despeito da dita trégua após a Segunda Guerra Mundial, a rigor “Guerra é sempre”⁴⁷.

Referências

A COLEÇÃO INVISÍVEL. Direção: Bernard Attal. Produção: Santa Luízia Filmes. Brasil: Pandora Filmes. 2012. 1 DVD. (89 min.).

AGAMBEN, G. *Estado de exceção*. Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004. 142 p.

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Tradução de Henrique Burigo. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010. 197 p.

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2005. 188 p.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo?* In: AGAMBEN, G. O que é contemporâneo? E outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009. Pp. 55-76.

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008. 169 p.

AGAMBEN, Giorgio. *O tempo que resta: um comentário à Carta aos Romanos*. Tradução de Davi Pessoa e Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. 215 p.

BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito da história*. In: BENJAMIN, W. O anjo da história. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013a. Pp. 7-20.

⁴⁷ LEVI, 1997.

BENJAMIN, Walter. *Sobre a crítica do poder como violência*. In: BENJAMIN, W. O anjo da história. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013b. Pp. 57-82.

BERGAN, R. *Guia ilustrado Zahar Cinema*. Tradução de Carolina Alfaro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. 511 p.

BLANCHOT, Maurice. *Uma voz vinda de outro lugar*. Tradução de Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Rocco, 2011. 159 p.

BOHUNOVSKY, R. *Stefan Zweig: um homem de ontem?* São Paulo: Pandaemonium, 2015. Pp. 236-257.

CORRÊA, Murilo Duarte Costa. *Tríptico para um pensamento intempestivo: Nietzsche, Bergon, Deleuze*. São Paulo: Prisma Jur., v. 8, n. 2, jul./dez. 2009. Pp. 363-382.

COUTINHO, João Pereira. *O que sei eu? É o que pergunta Stefan Zweig antes de mudar o mundo*. Folha de S. Paulo. 20 de dezembro de 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/joaopereiracoutinho/2021/12/o-que-sei-eu-e-o-que-devemos-perguntar-antes-de-mudar-o-mundo.shtml>>. Acesso em 9 de jan. de 2021.

DELEUZE, G. *Cinema 1 - A imagem-movimento*. Tradução de Stella Senra. São Paulo: Editora 34, 2018a. 344 p.

DELEUZE, G. *Cinema 2 - A imagem-tempo*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora 34, 2018a. 424 p.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020. 420 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. 234 p.

DERRIDA, Jacques. *Auto-imunidade: suicídios reais e simbólicos: Um diálogo com Jacques Derrida*. In: DERRIDA, J. H. E. J. *Filosofia em tempo de terror: diálogos com Jürgen Habermas e Jacques Derrida*. Tradução de Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 95-146.

DINES, Alberto. *Morte no paraíso: a tragédia de Stefan Zweig*. 4ª ed. amp. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2012. 733 p.

DINES, Alberto. *Posfácio – Stefan Zweig e Sigmund Freud: guerras ou a generalizada sensação de desordem*. In: A cura pelo espírito: em perfis de Franz Anton Mesmer, Mary Baker Eddy e Sigmund Freud. Tradução de Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Zahar, 2017. Pp. 287-298.

FREUD, Sigmund. *Nota sobre o “Bloco Mágico”*. In: FREUD, S. O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. V. XI.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. In: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia das Letras, 2010. V. XVIII.

LEVI, Primo. *A trégua*. Tradução de Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 360 p.

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Tradução de Luiz Sergio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LOST ZWEIG: os últimos dias de Stefan Zweig no Brasil. Direção: Sylvio Back. Assistência de direção: Guilherme Fuíza; Marcela Müller; Lellete Couto. Produção: Usina de Kyno. Petrópolis-RJ. 2003. 1 DVD. (115min.).

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. Tradução de [tradução das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2005. 160 p.

MELO JUNIOR, Geovane Souza. *Conversações entre Stefan Zweig e Sigmund Freud: um olhar sobre suas correspondências*. Dissertação (Dissertação em Estudos Literários) - UFU. Uberlândia. 2016. 118 p.

MELO JUNIOR, Geovane Souza. *Profanar o arquivo: Zweig – a morte em cena, de Sylvio Back*. Tese (Tese em Estudos Literários) – UFU. Uberlândia. 2022. 155 p.

NIETZSCHE, Friedrich. *Considerações extemporâneas*. In: NIETZSCHE, Friedrich. Obras incompletas. Coleção Os Pensadores: seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999. Pp. 267-298.

O GRANDE HOTEL BUDAPESTE. Direção: Wes Anderson. 2014. I DVD. (100 min.).

SOARES, Leonardo Francisco. *Na literatura, as guerras*. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2021. 90 p.

STEFAN ZWEIG: *adeus, Europa*. Direção: Maria Schrader. Áustria; Alemanha; França. 2016. 1 DVD. (106 min.).

YAMAMOTO, Eduardo Yuji. *A comunidade dos contemporâneos*. São Paulo: Galaxia (Online), n. 26, dez. 2013. Pp. 60-71.

ZWEIG, Stefan. *A cura pelo espírito: em perfis de Franz Anton Mesmer, Mary Baker Eddy e Sigmund Freud*. Tradução de Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Zahar, 2017. 357 p.

ZWEIG, Stefan. *Autobiografia: o mundo de ontem: memórias de um europeu*. Tradução de Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. 399 p.

ZWEIG, Stefan. *Montaigne e a liberdade espiritual*. In: ZWEIG, Stefan. O mundo insone e outros ensaios. Tradução Kristina Michahelles, organização e textos adicionais Alberto Dines. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.